

Saúde em Casa completa seis meses de atendimento

Programa que leva médicos à residência dos pacientes alivia situação de hospitais e beneficia moradores da zona rural do DF

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

O mundo despencou. As Bolsas de Valores sucumbiram. Os juros dispararam. O Real está ameaçado. Enfim, a personificação do caos. A 58 quilômetros do centro político do país, na zona rural de Nova Betânia, perto de São Sebastião, seis irmãos sequer tiveram conhecimento dessas coisas da cidade grande.

A televisão em preto-e-branco pifou há décadas. As notícias sobre esse mundo tão perto e tão distante não devem interessar muito ao seis irmãos solteirões e sem filhos. Davina, de 79 anos, José Vicente, 78, Gabriel, 76, Antônio, 72, Maria, 64 e Salvador, 63 vivem um mundo à parte. Só deles.

Nos últimos seis meses, a família Gomes tem-se surpreendido com uma visita semanal. Às vezes diárias. Um médico — desses de verdade, com jaleco e estetoscópio — bate à porta da casa humilde dos irmãos Gomes. Davina pensou que estivesse vendo miragem. Benzeuse. Não era.

Acompanhado de um equipe de auxiliar de enfermagem e agente de saúde, o visitante desembarcou de maleta e cuia na casa de Davina. A mais velha dos irmãos reclamava de dores nas pernas e na cabeça, “desas de ferver o juízo”. Antônio — Tonico como é conhecido pela família — queixou-se de falta de apetite e cansaço. Parecia enfraquecido. Os outros tinham pressão alta.

O médico examinou minuciosamente um a um. Ouviu suas reclamações, teve tempo para eles. A última vez que Davina esteve cara a cara com um médico foi há dois anos. Os outros cinco irmãos per-

deram a conta de quantos anos não fazem uma consulta.

O homem de jaleco branco não é mais apenas o doutor que ralha com José Vicente porque ele teima em beber umas pingas de vez em quando. “É o meu afilhado”, derrete-se Davina. “A dor de cabeça passou e hoje tenho mais disposição.”

ZONAS RURAIS

O “afilhado” de Davina trabalha no programa Saúde em Casa da Secretaria de Saúde. A proposta é simples: levar o médico até a residência do paciente, evitando, assim, o congestionamento nos centros de saúde e hospitais da rede.

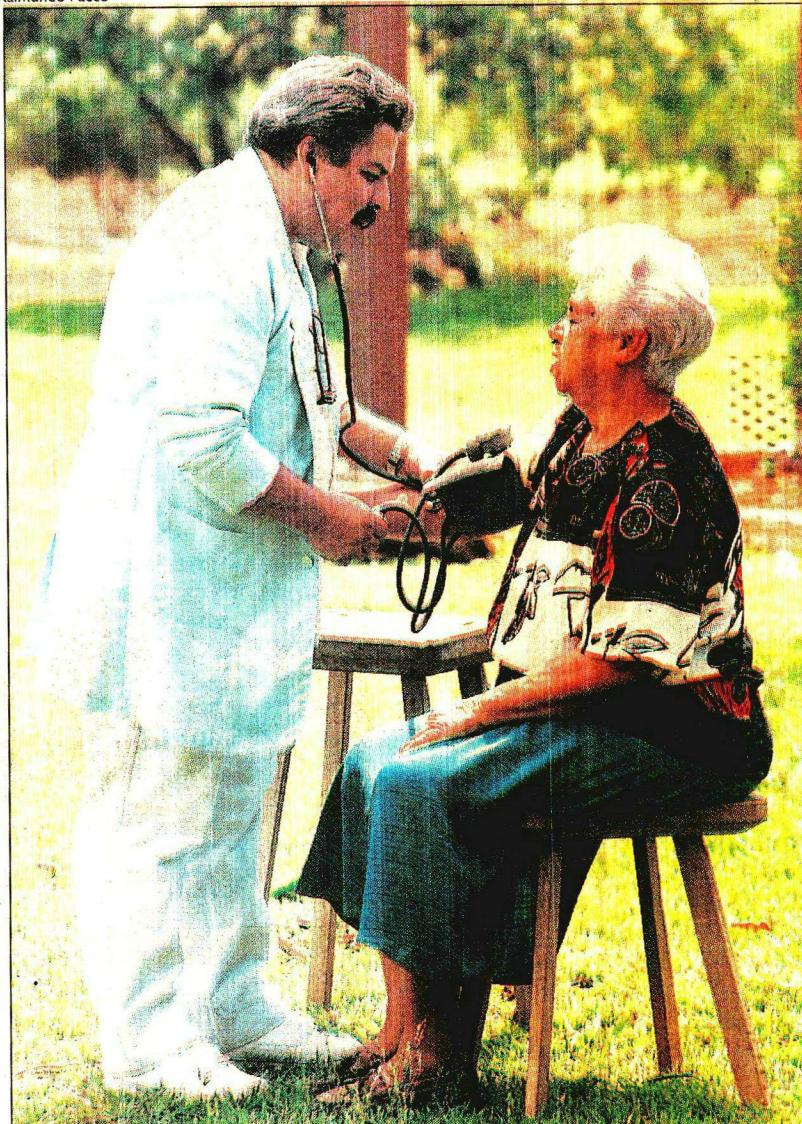
O programa — inspirado no modelo assistencial de saúde de Cuba — existe em oito cidades do Distrito Federal. Em maio chegou à zona rural de São Sebastião e hoje completa seis meses. O que era para ser uma experiência tornou-se modelo.

Com os bons resultados (nos últimos dois meses o programa contabilizou 690 atendimentos, dos quais apenas três pacientes foram encaminhados para o hospital e cinco ao centro de saúde) a Secretaria pretende levar o *Saúde em Casa* a todas as zonas rurais do Distrito Federal.

E não há milagres nem fórmulas mirabolantes. Apenas vontade de fazer. Um médico, duas enfermeiras e cinco agentes comunitários. Um local para servir de quartel-general. E só de que precisam. Os agentes (geralmente moradores da região) visitam as casas e fazem o cadastramento da população.

Quilômetros de estrada de terra, buracos, lama, mato. O socialismo de Cuba não é moleza nessas bandas de Brasil. Mas isso não desanima a equipe. “Até o último dia da

Raimundo Paccó



Délia, 73 anos, ficou feliz com atendimento: “Tava ruim, e ele me levantou”

minha vida quero me dedicar à medicina comunitária”, confessa o cardiologista Emanuel Martins, de 50 anos, o “afilhado” de Davina.

Aposentado — depois de 25 anos trabalhando em hospitais — Emanuel integrou a equipe do *Saúde em Casa*. Sai do Lago Sul todos os dias para atender uma comunidade que muitas vezes nunca viu um doutor. Percorre muitas vezes mais de 80 quilômetros.

“Você se torna mais médico. A tecnologia que dispomos são nossos olhos e ouvidos. De repente,

me vejo escutando problemas que nada têm a ver com doença. Muitas vezes eles só querem falar”, emociona-se Emanuel. A dona de casa Délia Pinto de Souza, de 73 anos, vibrou com mais uma visita do médico. “Tava ruim, ruim, e ele me levantou. Ele é um enviado de Deus”, agradece. Hipertensa controlada, ontem ela comemorava a ida ao estádio Mané Garrincha para assistir ao jogo da seleção brasileira de futebol. “Fiquei na galera, só não gostei dos palavrões”, conta.